

GESTÃO & TECNOLOGIA

HÉLDER ANTUNES está empenhado em colocar Portugal na alta roda da tecnologia mundial. Para que isso aconteça, este quadro destacado da Cisco diz ser necessário criar um verdadeiro lóbi nacional na Califórnia



Falta lóbi na Califórnia

JOÃO RAMOS

AVIVER nos Estados Unidos da América desde os 10 anos, Helder Antunes mantém uma forte ligação ao país que o viu nascer. Apesar da distância que separa o Silicon Valley de Lisboa, este gestor do departamento de desenvolvimento de software IOS da Cisco mantém uma casa em Portugal, aonde se desloca com alguma frequência não só para reencontrar os sabores da cozinha tradicional mas também para assistir ao vivo a um jogo do Benfica.

As empresas portuguesas de tecnologia poderão ser contratadas pela Cisco em «outsourcing»

Nos últimos cinco anos, alargou a sua ligação a Portugal quando proporcionou estágios na Cisco a jovens engenheiros portugueses de software, no âmbito do programa Contacto do ICEP.

Perante os bons resultados alcançados — registaram 100% de sucesso, competindo com engenheiros da Índia ou de Taiwan —, Helder Antunes descobriu que havia um filão por explorar. Passou então a acalentar o sonho de colocar Portugal no mapa «high-tech» a nível mundial. «Devia ser criado um lóbi formal português no Silicon Valley, através da instalação de uma agência, tal como outros países, como Irlanda, Israel ou Índia, já fizeram», refere

o quadro da Cisco. Só que, quando fala da ideia às autoridades portuguesas, sente que não é entendido. «Parece que falo chinês», desabafa. Para Helder Antunes, é preciso quebrar regras e ter uma mentalidade arrojada.

«Se calhar, dever-se-ia criar uma entidade virada só para as tecnologias. Não faz muito sentido que uma entidade que promove turismo, vinhos e sapatos esteja também a actuar na área da tecnologia. O que é preciso é que tenha verbas suficientes e o apoio de Lisboa», refere Helder Antunes. E acrescenta: «Sei que existem empresas em Portugal com boa tecnologia, mas sem meios de distribuição. Se estivessem ligadas às empresas californianas seria fantástico para a nossa economia».

Além da criação do lóbi nacional, Helder Antunes diz ser importante aumentar a massa crítica de engenheiros a trabalhar na Califórnia. Há cinco anos, no primeiro programa Contacto, a Cisco recebeu sete recém-licenciados em engenharia, dos quais cinco acabaram por ficar a trabalhar na multinacional.

Mas, nos últimos quatro anos, o ICEP passou a enviar apenas um ou dois jovens. «Temos condições de colocar na Cisco vinte engenheiros portugueses por ano», garante o responsável da Cisco (só no seu departamento trabalham três mil engenheiros). «É uma oportunidade úni-

ca para estes jovens, não só por estarem expostos à tecnologia, mas sobretudo porque tomam contacto com processos de uma multinacional», explica Helder Antunes, sublinhando que os jovens que regressam a Portugal ficam «com portas abertas nos operadores e noutras empresas».

Cisco em Portugal

Sobre a possibilidade de colocação de um centro de desenvolvimento da Cisco em Portugal, Helder Antunes revela que a ideia já «foi discutida várias vezes». Só que, perante o clima económico actual, a multinacional, que tem vários centros de desenvolvimento espalhados pelo mundo fora, «está numa fase de consolidação. Até esse processo ser concluído, é muito pouco provável que vá expandir para outros mercados».

Há, no entanto, uma possibilidade no «outsourcing». Ou seja, a contratação de empresas portuguesas pela Cisco, a exemplo do que actualmente faz com empresas indianas ou de Taiwan, para o desenvolvimento de software ou instalação de centros de contacto.

«O problema é que Portugal tem um lóbi fraco no Silicon Valley», insiste Helder Antunes. «A razão pela qual reivindicou 15 ou 20 engenheiros tem a ver com isso. Criava-se uma massa mais significativa, que já daria um argumento válido para dentro da Cisco desencadear qualquer iniciativa em Portugal», explica o gestor da multinacional americana.